https://journals.scientia.international/SIJEdu
Scientia International Journal for Education
Vol. 1, 1 (2026) | ISSNe 3127-9201
Tipo: Artigo de pesquisa | DOI: 10.56365/09xqk511

A contribuição das práticas pedagógicas menores no contexto da educação ambiental

Ronaldo Luis Goulart Campello[1*], Marta Lizane Bottini dos Santos[2], Edward Frederico Castro Pessano[3]

[1]Doutorando em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde; Universidade Federal do Pampa (Unipampa), Brasil; ORCID: https://orcid.org/0000-0003-1471-8040
[2]Mestra em Artes Visuais; Universidade Federal de Pelotas (UFPel), Pelotas, Brasil; ORCID: https://orcid.org/0009-0009-8184-1082
[3]Doutor em Educação em Ciências; Universidade Federal do Pampa (Unipampa), Brasil; ORCID: https://orcid.org/0000-0002-6322-6416

* Autor correspondente: ronaldocampello.aluno@unipampa.edu.br.

Resumo

Este recorte de pesquisa de doutorado, desenvolvido no Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências, Química da Vida e Saúde da UNIPAMPA, busca compreender como estudantes concluintes do 9º ano do Ensino Fundamental e do 3º ano do Ensino Médio de duas escolas públicas de Pelotas – RS percebem as urgências climáticas. Inspirada na literatura menor de Deleuze e Guattari e na educação menor de Silvio Gallo, a investigação procura entender de que modo a temática climática reverbera no cotidiano escolar e como vem sendo incorporada nos currículos e planos de aula. A análise inicial, a partir de entrevistas com sete alunos de uma escola estadual, mostra que pouco ou quase nada de substancial sobre as urgências ambientais tem sido trabalhado de forma pedagógica. Essa constatação reforça a necessidade de critérios, temas e propostas mais consistentes para uma Educação Ambiental que seja crítica, sensível e capaz de preparar os estudantes para lidar com o tema.

Palavras-chave: Crise climática; Educação ambiental; Cartografia; Práticas pedagógicas menores; Formação de professores.

Detalhes do artigo | Avaliação por pares aberta
Editado por:
Bruno César Alves Marcelino
Avaliado por:
Natália Martins de Oliveira Gonçalves
Citação:
Campello, R. L. G., Santos, M. L. B., & Pessano, E. F. C. (2026). A contribuição das práticas pedagógicas menores no contexto da educação ambiental. *Scientia International Journal for Education*, *1*(1), Artigo 16. https://doi.org/10.56365/09xqk511

Histórico do artigo
Recebido: 01/10/2025
Revisado: –
Aceito: 19/06/2026
Disponível: 12/11/2026

© 2026 Os autores. Publicado por Scientia.International S.L. (Espanha). Artigo de acesso aberto sob licença CC BY 4.0 (https://creativecommons.org/licenses/by/4.0).

1. Introdução

Este texto é um recorte da proposta de pesquisa a nível de doutorado que está se realizando no Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências: Química da Vida e Saúde da Universidade Federal do Pampa - UNIPAMPA, que nasce da urgência em compreender como alunos concluintes do 9º ano do Ensino Fundamental - EF, e 3º ano do ensino médio - EM, de duas escolas públicas da cidade de Pelotas - RS; compreendem as urgências climáticas, um problema sério de nosso tempo, e qual nível de conhecimento que os estudantes possuem sobre esse tema: se acreditam ou não em mudanças climáticas, e se conseguem perceber ou identificar problemas ambientais próximos às regiões onde habitam.

A discussão apresentada neste texto perpassa também pela investigação acerca de como os professores têm abordado esse tema em sala de aula e em quais componentes curriculares ou em quais conteúdos foram desenvolvidos, e, se foram desenvolvidos. Diante de uma mudança do clima[1] cada vez mais evidente, torna-se essencial investigar práticas pedagógicas que não apenas informam, mas também capacitem alunos e professores a se tornarem agentes de transformação em suas realidades.

Exemplos de mudanças climáticas, mais severas, em consonância com eventos globais extremos, ocorreram no estado do Rio Grande do Sul entre os anos de 2020 e 2022, dizem respeito a secas e estiagens que causaram grandes prejuízos à agricultura e à economia do estado de modo geral. Registros ainda mais recentes que nos remetem à memória, são as enchentes ocorridas nos meses de abril e maio de 2024, quando fomos assolados por fortes temporais e chuvas demasiadas que súbito provocaram a elevação rápida dos rios Gravataí, Sinos, Caí, Taquari e Jacuí, entre outros. Rios estes que formam um complexo sistema hidrográfico que encontram-se com as águas do rio Guaíba, principal corpo d'água na região metropolitana de Porto Alegre, que a *posteriori* desaguam na Lagoa dos Patos e após no oceano. Foi uma enchente sem precedentes que trouxe destruição e mortes, e prejuízos a famílias e ao Estado.

A Educação Ambiental, "reconhecida pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) como um eixo transversal do currículo escolar, busca sensibilizar os alunos para as questões ambientais e fomentar uma cidadania crítica e responsável" (Brasil, 1998, p. 27), porém cabe perguntar de que modo a educação ambiental é desenvolvida nas escolas? Em qual, ou quais disciplinas?

Na sociedade contemporânea, observa-se uma crescente dificuldade de engajamento dos jovens com os conteúdos formais de ensino, o que gera desafios significativos para educadores e famílias. Compreender de que modo conectar os jovens de nosso tempo a essas questões é quem sabe, uma provocação que se faz enorme.

Diante disso, mapear as interações que acontecem não apenas em sala de aula, mas também em espaços outros de aprendizagem, onde práticas e discussões sobre o meio ambiente e sobre questões ligadas à crise climática são tratadas é fundamental, pois em um cenário marcado por urgências ambientais e por uma busca crescente por aprendizagens mais significativas, a inserção da temática da crise climática no currículo escolar abre espaços de reflexão e de experimentação. É nesse ambiente que alunos e professores podem se envolver, trocar saberes e se reinventar no cotidiano, experimentando formas mais práticas, sensoriais e coletivas de aprender com o mundo e sobre ele, a partir de temas tão urgentes, configurando pequenas experiências pedagógicas capazes de transformar a maneira de ensinar e aprender.

Inscrita no campo da Educação, em duas grandes áreas: Ciências da Natureza e Ciências Humanas, as questões ambientais e o debate climático podem ser discutidos de forma transversal e interdisciplinar nas práticas pedagógicas escolares, e na formação de professores, por exemplo, cartografando experiências a fim de preparar sujeitos capazes de ler e intervir no mundo em que vivem. Não necessariamente pensando em atuar em "frentes de combate global", porém, pensando no miúdo[2], em ações individuais possíveis de serem

[1] _____ G1. (2022, 23 de fevereiro). RS tem 83% das cidades em situação de emergência. https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2022/02/23/rs-tem83percent-das-cidades-em-situacao-de-emergencia-entenda-a-diferenca-entre-seca-e-estiagem.ghtml

realizáveis no seu espaço cotidiano: sua casa, trabalho, sua escola, seu bairro. Pensar e produzir a articulação de ações que possam, de certa maneira, conscientizar uma comunidade a cuidar de seu entorno.

Iniciativas como hortas escolares, mutirões de limpeza, debates sobre consumo e sustentabilidade, fóruns escolares, seminários, palestras, entre outras atividades, possibilitam que os alunos se envolvam diretamente com os desafios ambientais e desenvolvam competências sociais, éticas e cognitivas a partir de experiências significativas. Exemplo prático que poderíamos citar é uma horta comunitária, uma horta urbana, que pode ser construída em um terreno baldio, no pátio da escola e não necessariamente requer muitas mãos ou conhecimento técnico abrangente, e de certo modo, ameniza ou gera impactos positivos ao aprendizado dos jovens e do meio ambiente.

2. O Rio Grande do Sul e os impactos das urgências ambientais

Os fortes volumes de água nas cabeceiras desses rios geraram elevação dos mesmos e alagamentos e devastação de cidades, algumas atravessadas, outras margeadas, e também a parte do centro de Porto Alegre, atingidas, tornando-as assim, incrivelmente reféns das águas. O volume de água acumulado foi tão grande que o nível do Guaíba atingiu 5,37 metros, superando as enchentes históricas de 1941 com 4,76 metros, e as enchentes em setembro e novembro de 2023 com elevação de 3,18 e 3,46 metros respectivamente. Porto Alegre e Pelotas, que em 2022 sofrem com a seca, assim como 83% do Estado, experimentam uma realidade extremamente oposta, com o excesso de chuvas, porém com danos semelhantes às suas devidas maneiras.

É importante dizer que ao mencionar o percurso das águas, do Guaíba, que recebem contribuições de diversos rios como os citados anteriormente, fluem para a Lagoa dos Patos, e desta para o oceano Atlântico. A Lagoa dos Patos, apesar de ser chamada de lagoa, na verdade é uma laguna, pois tem conexão com o mar, e a mesma recebe também águas de outros rios, como o Rio Camaquã, e, que devido ao grande volume que recebeu também sofreu elevação do nível, contribuindo para o agravamento das inundações nas áreas urbanas e rurais próximas da cidade de Pelotas RS, tendo o bairro do Laranjal, ou a Praia do Laranjal, muito afetada.

Este foi um dos eventos climáticos mais marcantes nas últimas décadas, pois cidades como Porto Alegre, Canoas e Novo Hamburgo sofreram graves consequências, centenas de famílias se viram desabrigadas e a interrupção de serviços básicos, como energia elétrica, abastecimento de água, transporte público e o aeroporto Salgado Filho pararam. No centro de Porto Alegre, por exemplo, parte dos bairros ficou completamente inundada, causando prejuízos materiais significativos. As enchentes também geraram problemas de saúde pública, com o aumento de casos de doenças relacionadas à água contaminada, além de comprometerem a infraestrutura urbana e agrária do Estado.

No extremo sul do Estado, a cidade de Pelotas entrou em alerta, e os danos não foram maiores, porque a perspectiva de que as águas chegariam à região, fez com as autoridades locais agissem com antecedência e produzissem mecanismos de proteção: um desses mecanismos foi a “sala de situação”, onde agentes públicos, militares e especialistas convergissem ações como a desocupação de áreas de riscos, monitoramento constante dos mananciais, criação de barreiras de contenção que retardaram o avanço das águas.

A experiência da sala de situação, criada para articular estratégias de enfrentamento à crise, evidencia como a união entre conhecimento técnico, diálogo interinstitucional e ação coordenada pode produzir respostas eficazes em momentos de emergência. Trata-se de um exemplo concreto de que, com saberes compartilhados e trabalho coletivo, é possível colher bons frutos mesmo em cenários adversos.

Com isso em vista, tomemos estes episódios (secas e enchente) como reforço da necessidade urgente de compreender e atuar diante dos impactos das mudanças climáticas, um assunto que não é novo, mas que, ao longo das décadas torna-se mais evidente e imprescindível e necessário de ser discutido especialmente em ambientes escolares, pois essa urgência nos convoca, especialmente no campo da educação, a transformar tais experiências em objeto de reflexão crítica e ação pedagógica.

3. As práticas pedagógicas menores no contexto da educação ambiental

Situada no plano de imanência da literatura menor de Deleuze e Guattari (1977) e da educação menor de Silvio Gallo (2008), e diante da urgência das questões socioambientais contemporâneas, que denominamos de 'assoreamento climático', torna-se fundamental investigar de que modo essas questões reverberam no cotidiano de duas escolas no município de Pelotas - RS, como os professores estão integrando em seus planos de estudos/aula e em seus currículos a temática climática e de que modo se apresentam em suas práticas pedagógicas. O modo como nossas ações antrópicas interferem em sistemas complexos, modificam o meio que habitamos, e em contrapartida esse meio nos modifica.

Inspirando-se na noção de literatura menor, para a qual "toda literatura que procede de uma minoria é menor" e carrega uma potência política e coletiva que "faz gaguejar a língua majoritária" (Deleuze & Guattari, 1977, p. 29), e na concepção de educação menor de Gallo, que entende a prática educativa como algo que "não se fundamenta em normas universais ou métodos generalizáveis, mas na escuta do que emerge do encontro entre educadores e educandos" (Gallo, 2008, p. 58), compreender como essas experiências singulares de ensino e aprendizagem podem gerar novas formas de pensar o educar frente às urgências climáticas atuais.

Tratar de um tema tão urgente, tão necessário de ser discutido e abordado em sala de aula, instiga uma educação mais crítica, sensível e conectada com a realidade. Mais do que tratar acerca de questões ambientais isoladas, por exemplo da crise climática, como uma atividade para a semana do meio ambiente, o objetivo é compreender como uma questão transversal, Educação Ambiental - EA, que atravessa todas as áreas do conhecimento e exige novas formas de ensinar e aprender e pensar questões pertinentes ao meio ambiente pode ser conduzida.

Ao investigar como a temática ambiental se apresenta nos livros didáticos, por exemplo e está sendo trabalhada nestas escolas o estudo busca refletir sobre práticas pedagógicas que vão além do ensino técnico e conceitual, experimentando explorar abordagens inovadoras que provoquem os estudantes a repensar suas atitudes diante do entorno que o cerca. É preciso sinalizar aos estudantes, nos currículos, que o que fazemos tem forte impacto ao meio ambiente e que, sim, nossas pequenas ações importam. Agir nos micro espaços contribui para o desassoreamento climático.

A proposta é valorizar experiências que favorecem a conexão entre o conteúdo escolar e a vida cotidiana, entre o que os alunos trazem consigo de ambientes outros que não a escola: sua casa, associações comunitárias, espaços de resistências e cultura popular, hortas comunitárias, etc., espaços estes onde se escapa da linearidade do ensino formal, mas que promovem uma aprendizagem ativa, reflexiva e, em alguns casos de engajamento social.

Um olhar que implica considerar o miúdo.

Interações que podem ser compreendidas como *práticas pedagógicas menores*, ou *práticas menores*, inspirado pela Educação Menor de Silvio Gallo, uma abordagem que "se afasta de formas normativas e rígidas de ensino, valorizando uma educação mais fluida e centrada nas potências do sujeito" (Gallo, 2008, p. 89), ou seja as práticas menores nascem do desejo de escutar aquilo que muitas vezes é silenciado na escola. Os gestos miúdos, os acontecimentos quase imperceptíveis que atravessam o cotidiano docente e que, mesmo não se enquadrando nas grandes narrativas pedagógicas, possuem uma potência formativa inegável.

A proposta emerge da urgência de um tempo atravessado pelo desejo de uma prática pedagógica que se deixe afetar, que se mova a partir do que escapa às formas instituídas, nasce de diferentes contextos de sala de aula e busca redesenhar o território do ensino e aprendizagem no campo da educação. Esta proposta não busca

[2] *Consumo consciente*: Reduzir o consumo de produtos descartáveis, como plásticos de uso único, e optar por produtos com menor impacto ambiental. *Economia de energia e água*: Desligar aparelhos eletrônicos quando não estiverem em uso, reduzir o uso de ar condicionado e evitar o desperdício de água. *Reciclagem e reutilização*: Separar o lixo para reciclagem e buscar formas de reutilizar materiais. *Apoio a projetos sustentáveis:* Contribuir com organizações que trabalham em prol da sustentabilidade e do meio ambiente. *Transporte sustentável*: Optar por meios de transporte como bicicleta, transporte público ou veículos elétricos.

apenas tratar dos atravessamentos das urgências ambientais, mas cartografar o que emerge no cotidiano do ambiente escolar, de ambientes não formais de ensino, que são os afetos, deslocamentos, encontros, os fluxos dos estudantes, seus interesses, suas necessidades, mesmo que isso contrarie a forma linear de educação prevista.

Neste contexto, podemos, por exemplo cartografar práticas que perpassam pela escrita e são fortemente carregadas de subjetividades, como: a escrita de bilhetes em sala de aula, tão comuns entre os alunos, cartas epistolares tão usadas algumas décadas atrás como ferramenta de comunicação, hoje considerada ultrapassada, mas que carrega em si um contexto histórico e potência no qual a entrega e o dizer de si são acontecimentos singulares.

A escrita de diários, blogs, zines, jornais estudantis onde os estudantes podem narrar suas próprias experiências, entre outros exemplos que podemos considerar, que podem ser apresentados como forma de resistência. Um ato, ético, estético. Político.

Criar no campo da escrita uma resistência ambiental, desenvolver, jornais, zines que questionem problemas em sua escola, seu bairro, divulgar ações individuais, coletivas, na escola e não formais em articulação com a comunidade, podendo ser integrados ao currículo de maneira mais orgânica.

Em vez de propor reformas estruturais grandiosas, as *práticas pedagógicas menores* apostam na potência das pequenas transformações cotidianas, práticas invisíveis muitas vezes vistas como secundárias, mas que, somadas, podem operar mudanças significativas na forma como alunos e professores compreendem e enfrentam os desafios cotidianos que envolvem as questões sócio ambientais. Essas práticas, quando reconhecidas e incentivadas, podem se tornar agentes potentes de uma educação mais reflexiva e comprometida com a sustentabilidade.

Trata-se de compreender que toda ação que envolve ensino e aprendizagem carrega um sentido pedagógico: ao ensinar algo a alguém, exercitamos nossa própria compreensão e as estratégias que desenvolvemos para realizar determinadas atividades. Assim, o ato de ensinar se transforma em uma prática capaz de tornar o outro também capaz.

No contexto de um sistema educacional cada vez mais marcado por padronizações, avaliações de desempenho, avaliações externas que não condizem com as realidades pertinentes aos educandos, insistir no menor, ou no que escapa a essas padronizações, aos desvios, e se faz nas frestas, se torna um gesto de resistência.

Neste sentido, a proposta de uma prática menor se justifica justamente por sua escolha em olhar para o que não é imediatamente visível ou valorizado, e que se faz nos espaços de subjetivação que emergem nos encontros entre professor e aluno. Conversas informais nos corredores, no pátio ou no caminho para a escola, exercícios de produção visual, fotográficos explorando o uso de tecnologias as quais as novas gerações dominam bem.

Momentos de escuta sensível, as vivências, as dores, os amores, etc., pequenos gestos de cuidado de si, e do outro; promover rodas de conversa, de leitura, slam, situações que torcem o currículo tradicional. Discussões ligadas a temas sociais, adoção de pets, cultura antirracista, homofobia, cotas, meio ambiente, drogas, etc.; discussões tabus. Narrativas de um cotidiano impregnado de dúvidas e incertezas que buscam em narrativas semelhantes abrigo.

Deste modo, portanto, é preciso pensar uma educação que afirme os processos de ensino e aprendizagem que não se condicionam aos currículos postos, aos indicadores de desempenho, mas ao que está vivo e pulsante em sala de aula e fora dela. Em dissonância ao que é transcendente, mas sim imanente, buscando colocar o educar em conformidade com a vida, com o presente e o vivido, com a realidade de cada aluno, e sua comunidade resgatando seus contextos e a relação com o que a escola oferece. Possibilitando, neste sentido, criar com o que se tem, com o que se sabe sobre a partir dos acontecimentos, encontros, nas falas nos silêncios,

nas pequenas intervenções que deslocam a rotina da aula e criam fissuras na lógica do "cumprir o currículo". É preciso reconhecer que somos sujeitos aprendentes, que nos constituímos nos interstícios, nas micro-relações que permeiam o cotidiano, ainda mais, e também no cotidiano escolar.

4. A cartografia como metodologia de pesquisa ambiental

A metodologia, centrada na proposta cartográfica e na escuta do cotidiano, tencionou não apenas investigar, mas também acompanhar a forma como se percebeu as falas dos alunos formandos dos 9º anos do ensino fundamental, e dos 3º do ensino médio, das duas escolas diante dos desafios contemporâneos impostos pelas emergências ambientais. A partir da troca, do diálogo, da construção coletiva objetivando promover ações pedagógicas futuras com o intuito de potencializar aprendizagens significativas sobre o tema.

Neste texto, se fará um breve resgate, e uma análise parcial, de como foi um destes encontros com um dos grupos de formandos da educação básica em uma das escolas. Este é apenas um recorte, e a análise aqui apresentada é um recorte, porém significativo para sustentar as primeiras reflexões de qual o entendimento dos alunos sobre o assunto.

Ao todo foram realizados dois encontros com os alunos das duas escolas. Esses encontros ocorreram no segundo semestre de 2025 e tinham como foco de interesse, realizar uma abordagem inicial do assunto com os alunos. Compreender o campo imanente da pesquisa, para direcionar as ações futuras. O instrumento de análise continha 5 questões que proporcionaram uma abordagem inicial.

No futuro, no âmbito da perspectiva de se ter dados e parâmetros mais confiáveis se pretende construir outro instrumento de análise com questões mais 'elaboradas' e estruturadas. O que podemos dizer deste primeiro movimento é que esta foi uma atividade experimental investigativa, pois proporcionou ao pesquisador "[...] a oportunidade de acompanhar e interpretar as etapas da investigação", (Suart & Marcondes, 2008, p. 2), pois, o mesmo teve a oportunidade de verificar, confirmar algo que já se sabia sendo capaz, portanto, de elaborar algumas hipóteses, e a *posteriori* testá-las.

Como dito antes, foram realizados dois encontros com os alunos nas duas escolas. O primeiro encontro em ambas foi para falar acerca da pesquisa e da necessidade de os pais, ou responsáveis assinarem o Termo de Consentimento Livre Esclarecido - TCLE, e que, feito isso, no próximo encontro na semana subsequente, realizaríamos o segundo encontro para uma conversa informal com aqueles os quais os pais tivessem assinado o Termo.

A análise das respostas das entrevistas escolhidas para se discutir neste texto, foram as da escola Estadual com os alunos do terceiro ano. De duas turmas com média de vinte e cinco alunos cada, a conversa ocorreu com somente sete destes alunos. Aqui, já houve um breve 'start' de como a pouca participação dos alunos pode impactar na coleta de dados no futuro.

Deste pequeno grupo de alunos, quatro eram meninas e três eram meninos. A faixa etária dos mesmos girava em torno dos quinze aos dezesseis anos. E a conversa ocorreu com somente este grupo, pois foram os únicos que trouxeram, no dia combinado, os termos assinados, no entanto, outros alunos disseram que seus pais haviam assinado, porém no dia combinado não trouxeram.

A conversa se realizou em sala de aula, em um período de quarenta e cinco minutos, cedido pelo professor da disciplina de produção literária, numa sexta-feira no turno da manhã. Teve como fio norteador as enchentes ocorridas no estado do Rio Grande do Sul, no ano de 2024. A partir deste tema a ideia central por parte do pesquisador era analisar suas compreensões e percepções sobre as urgências climáticas, bem como observar como o tema tem sido abordado por seus professores nos diferentes componentes curriculares da área da Ciência da Natureza e também das Ciências Humanas.

Foram elaboradas cinco questões norteadoras:

- Você encontra questões sobre meio ambiente e educação ambiental - EA nos livros didáticos?

- Seu professor trabalha essas questões?
- Como você percebe as urgências ambientais? Você compreende o que significa esse termo?
- De que modo você acha que pode contribuir para amenizar os problemas enfrentados acerca do meio ambiente? Você consegue identificar um problema ambiental?
- Você já ouviu falar sobre crise climática? Sabe o que é?

Não houve um roteiro específico para os questionamentos. As perguntas foram sendo realizadas conforme a conversa acontecia.

Neste sentido, uma das questões abordadas era sobre os livros didáticos, se os mesmos abordavam questões sobre meio ambiente ou questões ambientais. A resposta de cinco dos alunos foi de que sim, mas não lembraram em que contexto. Outros dois alunos disseram não se lembrar. Sobre em qual disciplina, esse conteúdo foi visto, dos cinco que disseram ter visto, três disseram que foi no livro de "ciências" com o professor de geografia, os outros dois disseram que foi no de livro de geografia com este mesmo professor.

Sobre se o seu(s) professor(es) trabalha(m) esses temas, os mesmos cinco alunos disseram que "mais ou menos", os outros dois disseram que não. Quando questionei o que significava "mais ou menos", sua interpretação era a de que, "ele toca no assunto, porém não se aprofunda, não faz grandes discussões", "vai muito pelo o que está no livro".

Quando questionados sobre como percebem as urgências ambientais? Você compreende o que significa esse termo? Os sete não souberam responder. Não sabem o que são urgências ambientais. Disseram que nunca haviam ouvido falar sobre esse "nome". Frente a isso lhes expliquei que as urgências ambientais dizem respeito, por exemplo a estar estudando em uma escola onde a limpeza da mesma não é adequada, há um tipo de poluição ali que me afeta, a poluição visual, os acúmulos de lixo em terrenos baldios, locais que não deveriam estar com entulhos, mas a população, por muitas razões, insiste em depositar.

A poluição de rios, lagos e do próprio oceano. A sujeira acumulada nos bairros, as pichações nos muros e paredes, um tipo de poluição visual; o vizinho com o som alto, poluição sonora. Estas são feridas abertas próximas de nós, próximas de onde moramos ou estudamos ou trabalhamos. Essas poluições exigem de nós um olhar atento, um cuidado para não estarmos repetindo tais gestos, tais atitudes. Isso nos exige um gesto de responsabilidade.

No ensejo desta contribuição lhe indaguei: de que modo você acha que pode contribuir para amenizar os problemas enfrentados acerca do meio ambiente? Você consegue identificar um problema ambiental? Neste momento todos os sete se olharam e com um ar de tranquilidade um a um foram dizendo que "para não poluir é só não pichar", "é só não riscar na classe", "é só não jogar papel ou embalagens no chão, fora da lixeira", "não ouvir música alta". Quatro deles disseram que sim conseguem identificar problemas ambientais. Citaram um terreno baldio que fica próximo da escola, umas três quadras antes.

Para finalizar a conversa, a última questão era a seguinte: você já ouviu falar sobre crise climática? Sabe o que é? Todos disseram que não sabiam o que era, mas ouviram muito no período das enchentes na televisão. Novamente lhe fiz uma nova contextualização, desta vez acerca deste tópico específico e lhes disse que: a crise climática é o reflexo das ações abusivas que o homem tem com o planeta, extraindo recursos naturais demais, e retirando esses recursos para suprir as necessidades da indústria que precisa para produzir os produtos que consumimos demais. Lhes disse que é reflexo do sistema capitalista que vivemos. A crise climática é a resposta que o planeta está dando da forma mais clara e dura para que os seres humanos compreendam que precisam agir de outra forma, pois se não os desequilíbrios só aumentarão. Frio demais. Calor demais. Chuva demais. Um comentou: "abafamento demais".

Após essa contextualização encerramos a conversa. Lhes agradeci pela oportunidade e lhes disse que sempre que quisessem conversar eu estaria à disposição.

5. Concluindo (por enquanto)

Para concluir a discussão deste texto, desta provisória contextualização e análise da entrevista com um grupo de sete alunos de uma escola estadual na cidade de Pelotas - RS, no extremo sul do Rio Grande do Sul, é possível dizer que alguns caminhos foram abertos em meio a um terreno cheio de obstáculos.

Podemos perceber na fala destes alunos que pouco ou quase nada substancialmente pedagógico acerca de temas relacionados às urgências ambientais é trabalhado neste ambiente escolar. Há pouco trabalho pedagógico referente a compreensão acerca da Educação Ambiental - EA sendo anunciados, e que se faz oportuno estabelecer critérios adequados, temas específicos e propostas pedagógicas substanciais para desenvolver um aprendizado de qualidade, sensível e crítico que possibilite os alunos lidarem com o assunto. Pensar o fortalecimento de práticas educativas reflexivas adequadas às urgências locais. Sua escola, seu bairro, sua cidade…

Referências

Brasil. Secretaria de Educação Fundamental. (1998). *Parâmetros curriculares nacionais: Terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: Temas transversais*. MEC/SEF.

Deleuze, G., & Guattari, F. (1977). *Kafka: Por uma literatura menor* (L. R. S. Fortes, Trad.). Imago.

Deleuze, G., & Guattari, F. (1995). *Mil platôs: Capitalismo e esquizofrenia* (Vol. 1; A. Guerra Neto et al., Trad.). Editora 34.

Gallo, S. (2008). *Filosofia da educação: Experiências menores*. Autores Associados.

Suart, R. C., & Marcondes, M. E. R. (2008). Atividades experimentais investigativas: Habilidades cognitivas manifestadas por alunos do ensino médio. In *Anais do XIV Encontro Nacional de Ensino de Química*. Divisão de Ensino de Química da Sociedade Brasileira de Química.